

Os canalhas vão a júri

Dona Jamila Cúri se mostrou de uma coragem, de uma tenacidade, de uma resistência a tôda prova. “Quero que o exemplo de minha filha não se destrua com essa facilidade que toca às raias da insensatez. Aída era uma menina que eu sabia pura e que à autópsia revelou pura. Não pode ser, agora depois de morta, transformada quase numa prostituta, por obra e graça de uma sentença que é mais contra a família brasileira do que contra esta mãe infeliz que só vive para clamar por justiça. Não descansarei um dia, uma noite, enquanto não ouvir o pronunciamento do Júri. Quero as provas debatidas. Quero ver essas testemunhas fabulosas, encantadas, compareceram ao tribunal e sustentarem os seus alibis. Nunca pude admitir que a honra de uma jovem, que morreu em defesa dêsse bem, seja arrastada assim pela rua, através da palavra fácil, da conclusão precipitada, do julgamento solitário. Quero que daqui para a frente todos os jovens desajustados, antes de

cometerem um crime, reflitam na conseqüência. Tenho muita pena também das mães dos acusados, pois nem sempre as mães podem evitar que essas coisas aconteçam. Algumas vêzes, na verdade, é falta de educação, da educação que não deram a seus filhos, falta de orientação cristã. Outras vêzes, no entanto, é tara, inclinação para o crime, perversão sexual. Tenho pena da mãe de Cácio, tenho pena da mãe de Ronaldo, tenho pena de tôdas as mães cujos filhos estão na cadeia. Mas, apenas por isso, deveríamos abrir todos os cárceres e libertar os assassinos? Pergunto às outras mães: e se, em vez da minha Aída, houvesse sido uma de vossas filhas a morta? Aceitariam a impunidade? Não clamo por justiça, não exijo o castigo dos matadores: mais importante que tudo isto é que não se dê aos futuros criminosos, jovens, ricos, bonitões, inconscientes e desumanos — a absolvição prévia. Não falo como mãe de Aída. Falo como mãe, simplesmente. A reforma da sentença por parte dos desembargadores não foi um ato de justiça. Foi uma medida de defesa. Só aquêles que não têm filhas não compreendem isso. A condenação dos responsáveis não devolverá a filha que perdi. Mas, talvez, evite que outras mães percam as suas filhas nas condições em que perdi a minha.”